UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

PERCEPÇÃO DAS ALUNAS DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA QUANTO A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO: UM ESTUDO TRANSVERSAL DESCRITIVO

Bruna Aparecida Kapper

Pelotas, 2017

BRUNA APARECIDA KAPPER

PERCEPÇÃO DAS ALUNAS DO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO: UM ESTUDO TRANSVERSAL DESCRITIVO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª Drª Thaíse Campos Mondin

Pelotas
2017

Bruna Aparecida Kapper

Percepção das alunas de engenharia elétrica quanto a discriminação de gênero: um estudo transversal descritivo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Data da defesa: 22/08/2017
Banca Examinadora:

Prof.ª Dra. Thaíse Campos Mondin
Doutora em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas

Dra. Fernanda Pedrotti Moreira
Doutora em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas

Dra. Taiane Cardoso
Doutora em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força, perseverança, saúde para eu chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe, meu pai e meu irmão por me mostrarem que independente de onde eu estiver no mundo sempre terei para onde voltar. Durante toda esta trajetória estiveram ao meu lado me apoiando, incentivando, me segurando para que eu não caísse e quando caí estenderam a mão para me ajudar a levantar. Amor e gratidão resumem o que sinto por vocês, meu porto seguro.

Agradeço a minha tia, dinda, “maninha”, comadre, que me apresentou este mundo tão lindo da Psicologia. Obrigada por ser meu exemplo de profissional.

Agradeço aos meus amados avós Avani, Almo e Joana que sempre tiveram uma palavra de incentivo e muito carinho. E também por sempre me incluírem em suas orações, as quais têm muita força.

Agradeço ao Matheus, meu amor, pelo apoio, carinho, paciência, compreensão, auxílio, companheirismo em todos os momentos deste caminho. Muito, muito obrigada. Te amo!

Agradeço a Renice, que esteve sempre disposta a ajudar, a conversar, a “puxar a orelha” quando necessário e me apoiou nos mais diversos momentos desta caminhada. Esta amizade é um presente que a Psicologia me deu. Gratidão.

Agradeço aos mestres que tanto me ensinaram durante esta jornada. Em especial a professora doutora Giovanna Del Grande Alves pelo auxílio no início deste trabalho e a professora doutora Thaíse Campos Mondin que mesmo chegando no finalzinho me ajudou muito nas análises e fechamento do trabalho.

Agradeço as pessoas que me auxiliaram, apoiaram e incentivaram na realização deste trabalho, Jéssica, Paulo, Marlene, Rovena e Letícia.

E, por fim, mas não menos importantes, agradeço a todas as pessoas que participaram de forma direta ou indireta desta jornada. Todos foram especialmente importantes para eu me tornar quem sou hoje.

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.”
Rubem Alves

RESUMO

KAPPER, Bruna Aparecida. **Percepção das alunas de engenharia elétrica quanto a discriminação de gênero:** um estudo transversal descritivo. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Estudar em um ambiente majoritariamente masculino para as mulheres pode tornar-se um desafio constante e um potente *locus* de discriminação. O presente estudo tem como objetivo verificar a prevalência da percepção sobre discriminação das alunas de Engenharia Elétrica de uma instituição de ensino federal do Sul do Brasil. Trata-se de um estudo transversal realizado com graduandas do curso de engenharia elétrica. A pesquisa foi realizada no período de junho de 2017. Foi aplicado um questionário com 40 perguntas que abrangiam aspectos como: questões sociodemográficas, situação acadêmica, assédio moral, assédio sexual, integração e autopercepção de discriminação de gênero. O total da amostra foi de 50 mulheres, destas 62% relataram ter sofrido discriminação. Esteve associado à discriminação o tempo de curso (p=0,006), a existência de piadas machistas (p<0,001), já ter ouvido que é incapaz por ser mulher (p=0,001), assédio moral (p=0,016), não se sentir aceita no curso (p=0,003), sentir-se excluída (p=0,001) e acreditar que precisa fazer maior esforço que seus colegas homens para ser reconhecida como competentes (p<0,001). Este estudo revela a alta prevalência de discriminação em mulheres no curso de engenharia elétrica. Com isso, elas podem necessitar superar continuamente obstáculos para se manterem na graduação. Assim, o presente estudo levantou dados que, inclusive, podem servir de embasamento para novas pesquisas e para futuras intervenções a serem realizadas junto às estudantes e ao curso.

Palavras-chave: discriminação, mulher, engenharia elétrica

ABSTRACT

KAPPER, Bruna Aparecida. **Perception of Electrical engineering famale students a gender discrimination:** a descritive cross-sectional study. 45f. Final Project – Psychology Course, Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

Studying in a mostly male environment for women can become a constant challenge and a powerful locus of discrimination. The objective of this study was to verify the prevalence of discrimination of female students from the eletrical engineering of a federal institute of South of Brazil. This is a cross-sectional study carried out with undergraduate students in the period of June 2017. A questionnaire was applied with 40 questions covering aspects such as: sociodemographic issues, academic situation, moral harassment, sexual harassment, integration and self-perception of discrimination of gender. The total sample was 50 women, 62% women reported having suffered discrimination ((*p*=0,006), an existence of sexist jokes (*p*<0,001), has already heard that she is incapable because she is a woman (*p*=0,001), bullying (*p*=0,016), not feeling accepted in the course (p=0,003), feel excluded (*p*=0,001) and believe that it needs to make greater effort for its colleagues to be recognized as competent (*p*<0,001). This study reveals the high prevalence of discrimination in women in the electrical engineering course. As a result, you may need to continually overcome obstacles in order to stay in the graduation. Thus, this study bring up data that could serve as a base for new research and for future interventions to be carried out with the students and the course.

Keywords: discrimination, woman, Electrical Engineering

Lista de figuras

Figura1: Associação entre a percepção de discriminação e a dificuldade de integração……. ...18

Figura 2: Associação entre a percepção de discriminação e consequências na vida acadêmica ……..……...……...19

Lista de tabelas

Tabela 1: Características sociodemográficas e comportamentais relacionadas a discriminação de gênero no curso …..……...17

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....11
2 METODOLOGIA.....14
3.RESULTADOS.....16
4. DISCUSSÃO.....20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....23
Referências.....24

1. INTRODUÇÃO

Homens e mulheres crescem rodeados de padrões que balizam seus papéis na sociedade. Historicamente, a construção do dito feminino e masculino é diferente, cabendo a eles a esfera pública e a elas o privado, o lar. Assim, os homens sempre foram incentivados a trabalhar fora, exercer o papel de provedor da casa, e os meninos orientados a brincar de construir, de inventar, atividades que instigam a criatividade e a vontade de produzir. Enquanto isso, as mulheres deveriam cuidar do lar, dos filhos, do marido. E foram estimuladas, quando crianças, a brincarem com atividades que remetem ao cuidado e ao ensinar (BITENCOURT, 2006; ROSEMBERG, 2001).

Elas estiveram, durante muito tempo, submissas a algum homem, fosse ao pai e posteriormente ao marido, sendo impedidas de estudarem, trabalharem fora, votarem, enfim, restritas ao ambiente doméstico. No Brasil, sua inserção no ensino formal data do início do século XIX, quando as primeiras escolas para mulheres começaram a existir. Entretanto, estas instituições mantinham o ideário de que elas deveriam aprender trabalhos manuais, trabalhos domésticos, ler e a escrever, caracterizando o ensino básico (DUARTE, 2003). Foi em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, que as mulheres conquistaram o direito a frequentar o ensino superior, expandindo as suas possibilidades de cursos àqueles que anteriormente eram somente frequentados por homens, como medicina, engenharia e direito (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Se, na contemporaneidade, as mulheres têm maior liberdade de escolha isso é reflexo de lutas que acontecem há muitos anos. Foi a partir da consolidação de movimentos feministas que conquistas em direção a igualdade de direitos e a equidade entre os sexos foram se efetivando. As lutas feministas buscam sessar a relação opressora existente entre homens e mulheres (PEDRO, 2006) a partir da igualdade de direitos civis, políticos, sociais e econômicos, possibilitando dessa forma que a mulher participe das esferas que remetem ao ambiente público da sociedade (CRUZ, 2008).

Apesar de muito já ter sido conquistado pelas mulheres em virtude desse processo, a dicotomia masculino/feminino, ainda existente, tem limitado o entendimento de que homens e mulheres podem exercer as mesmas atividades e ter os mesmos propósitos dentro de um mesmo contexto (BITENCOURT, 2006). Balizando, muitas vezes, as escolhas profissionais.

Atualmente, no mercado de trabalho, as mulheres precisam enfrentar o fenômeno denominado por Schiebinger (2001) como teto de vidro, no qual existem obstáculos

invisíveis, ou seja, que são aceitos culturalmente, mas que dificultam a ascensão feminina em postos de maior prestígio social. Neste sentido, há justificativas plausíveis que demonstrem o porquê de ela não conseguir elevar-se na carreira profissional com a mesma facilidade de um homem (SHIEBINGER, 2001). Exemplificando tal fenômeno é que em pleno século XXI, as mulheres ainda recebem salários menores que os homens exercendo as mesmas funções (FRANCO; OLIVAS, 2016). Cargos de chefia, áreas de atuação como engenharia são em sua maioria ocupados por eles, enquanto profissões que envolvem o cuidado e a educação “são” para elas (LOMBARDI, 2004; ROSEMBERG, 2001).

Quebrando paradigmas, as mulheres também tem buscado outros campos de atuação como os que envolvem a ciência e tecnologia. Entretanto, a academia é reflexo da sociedade em que se vive, por isso, estar inserida em um curso de graduação onde o público majoritário é masculino pode ser um desafio constante. Historicamente, as engenharias e os cursos tecnológicos, os quais pertencem as ditas ciências exatas/duras, são predominantemente masculinos (HUFF; KOPPE, 2016), e a negação da participação feminina neste campo pode ser percebida, segundo Saraiva (2008) somente em 1988 é que foi regulamentada a titulação de engenheira, de 1920 quando a inserção da mulher iniciou nas graduações de Engenharia (LOMBARDI, 2004) até tal momento todos eram titulados como Engenheiros.

Neste sentido, diferentemente do conceito de teto de vidro que traz as dificuldades encontradas pela mulher na ascensão, no teto das profissões, Lima (2013) apresenta o conceito de Labirinto de Cristal demonstrando que as mulheres em áreas majoritariamente masculinas encontram barreiras e dificuldades em toda a sua jornada, desde o curso de graduação até níveis mais altos no mercado de trabalho. No entanto, independentemente dos impasses que elas encontram neste contexto, nos ramos das engenharias o número de mulheres vem aumentando a cada ano, apesar de ainda ser um percentil pequeno (LOMBARDI, 2004; FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ENGENHEIROS, 2013). De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeiras (INEP) no resumo técnico do ano de 2013 o número de mulheres matriculadas nos cursos da área de conhecimento engenharia, produção e construção no Brasil perfaziam 31% dos matriculados, contra os 21% no ano de 2003.

Em virtude das Engenharias trazerem nas suas raízes históricas uma prática disciplinar altamente masculinizada, já que o seu surgimento foi em ambiente militar

(BITENCOURT, 2006; LOMBARDI, 2004) e ele carrega no seu histórico o reflexo de uma sociedade patriarcal, tornando-se potente *locus* de discriminação da mulher.

A partir da curiosidade e da literatura existente sobre se as mulheres percebem a discriminação dentro do curso de Engenharia Elétrica é que surge a ideia da presente pesquisa. Este estudo busca refletir sobre a percepção delas quanto a discriminação sofrida na academia e quantificar esta existência. Desta forma, o presente trabalho surge com caráter complementar a tantos estudos qualitativos que abordam a participação das mulheres em cursos majoritariamente masculinos, como a Engenharia Elétrica. E analisar a associação entre as atitudes discriminatórias existentes neste contexto e se as mulheres percebem estas atitudes como tais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é um estudo transversal, com amostra selecionada por conveniência, com abordagem quantitativa descritiva. Participaram dela 50 alunas, do curso de Engenharia Elétrica de uma Instituição de Ensino Federal do Rio Grande do Sul, de um total de 61 graduandas. A perda de 11 alunas se justifica em virtude do período letivo (época de provas) em que elas se encontravam e alegaram não conseguir responder o questionário naquele momento. A coleta de dados foi realizada nos meses de Maio e Junho de 2017. Os critérios de inclusão do estudo foi estar regularmente matriculada no curso de engenharia elétrica e o frequentando.

As alunas foram contatadas por e-mail, *facebook*, telefone e pessoalmente, a partir do contato com elas foi combinado horário e forma de aplicação do questionário. Por se tratar de um questionário autoaplicável algumas levaram para casa e devolveram em outro momento.

O questionário foi elaborado a partir da leitura de trabalhos científicos existente. O instrumento foi constituído por questões sociodemográficas (idade, estado civil, onde mora -zona rural ou urbana-, cor, situação laboral, filhos) situação acadêmica (ano de ingresso, semestre que está cursando, opção de curso, já fez outra graduação, já precisou trancar o curso), assédio moral e assédio sexual. Além disso, foram criadas perguntas que compuseram dois grupos, de integração e discriminação no curso. As questões relacionadas a integração avaliavam: se sente integrada no curso, se sente a vontade com colegas e professores e se sente mais à vontade com professoras mulheres. As questões relacionadas a discriminação foram: se já sentiu-se discriminada, se já perdeu algum estágio em virtude de ser mulher, se já foi deixada de lado no momento da realização de algum trabalho e se precisa fazer maior esforço para ser reconhecida como competente. As perguntas foram do tipo qualitativa dicotômica (sim ou não) e questionamentos abertos.

Além disso, as perguntas foram separadas em dois grandes grupos, um que envolve questões reais que acontecem no convívio e não se apóia na percepção individual o fato (insinuaram que consegue as coisas pela aparência, os colegas/professores fazem piadas de caráter machista...) e questões subjetivas (percepção quanto a discriminação, integração no curso). As participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética sob o número

64152017.2.0000.5317.

Os questionários foram digitados e analisados no programa SPSS 20. A análise univariada foi demonstrada por proporção e médias. Para a análise bivariada, foram utilizados os testes qui-quadrado com correção para fischer e teste t para amostras independentes.

3 RESULTADOS

Do total de 70 mulheres matriculadas no curso de Engenharia Elétrica no semestre 2016/2, 9 delas durante o semestre trancaram ou abandonaram o curso, dessa forma não sendo incluídas no estudo. Assim, 61 alunas preencheram os critérios de inclusão, entretanto, nem todas responderam ao questionário, restando uma amostra de 50 alunas.

A idade média das mulheres que responderam o questionário é de 23,66 (±4,4) e 16% delas estavam no primeiro ano de curso e 84% estava há mais de um ano na graduação. Decidiu-se por categorizar o tempo de graduação dessa forma, já que a regularidade dos semestres nos cursos de Engenharia não se mantém.

A maioria das estudantes são solteiras, brancas e residem na zona urbana perfazendo, respectivamente, 90%, 82% e 92% da amostra, e 54% delas trabalham em turno diferenciado ao horário das aulas, conforme a tabela 1.

Também é possível verificar a percepção das alunas quanto atitudes discriminatórias para com elas, tais como piadas machistas advindas de colegas e professores (44%), já ouviram que são incapazes de cursar uma graduação como a Engenharia Elétrica (26%) e que suas conquistas são em virtude da aparência (44%). Essas são questões reais que ocorrem e não necessitam da interpretação individual de cada uma para existirem.

Outro ponto que verificou-se foi a prevalência de assédio moral e sexual no curso de Engenharia Elétrica. A resposta quanto estes quesitos foi de 32% da amostra já sentiu-se assediada moralmente e 16% já sentiu-se vítima de assédio sexual neste contexto.

Além disso, as mulheres perceberam mudanças em seu comportamento no âmbito do curso em virtude de ser mulher em um local majoritariamente masculino, integrando 44% da amostra. Dessas, a metade respondeu que percebe a mudança como positiva (50%) e a outra metade respondeu que a sente como negativa (36,4) ou indiferente (13,6).

De acordo com a tabela 1 é possível perceber que o tempo de curso ($p = 0,006$), a existência de piadas machistas ($p<0,001$), já terem ouvido que são incapazes ($p=0,001$) e o assédio moral ($p=0,016$) estão relacionados com a percepção da discriminação das mulheres dentro de um contexto majoritariamente masculino.

Tabela 1: Características sociodemográficas e comportamentais relacionadas a discriminação de gênero no curso

	Total da amostra N (%)	Discriminação no curso N(%)		p--valor
		Sim	Não	
Idade (mean, d.p.)	23,66 (4,4)	24,23 (3,90)	23,21 (4,78)	0,425
Estado civil				0,447
Solteira	45 (90,0)	19 (42,2)	26 (57,8)	
Casada	5 (10,0)	3 (60,0)	2 (40,0)	
Raça/ Cor				0,146
Branca	41 (82,0)	20 (48,8)	21 (51,2)	
Não-branca	9 (18,0)	2 (22,2)	7 (77,8)	
Região da residência				0,801
Zona urbana	46 (92,0)	20 (43,5)	26 (56,5)	
Zona Rural	4 (8,0)	2 (50,0)	2 (50,0)	
Trabalha				0,945
Não	23 (46,0)	10 (43,5)	13 (56,5)	
Sim	27 (54,0)	12 (44,4)	15 (55,6)	
Tempo de curso				0,006
≤1 ano	8 (16,00)	0 (0,0)	8 (100,0)	
1 ano ou mais	42 (84,00)	22 (52,4)	20 (47,6)	
Piadas machistas				<0,001
Não	28 (56,0)	6 (21,4)	22 (78,6)	
Sim	22 (44,0)	16 (72,7)	6 (27,3)	
Insinuação				
Incapacidade	13 (26,0)	11 (84,6)	2 (15,4)	0,001
Conquistas pela aparência	22 (44,0)	13 (59,1)	9 (40,9)	0,057
Dificuldade integração				0,522
Não	23 (46,0)	9 (39,1)	14 (60,9)	
Sim	27 (54,0)	13 (48,1)	14 (51,9)	
Mudança comportamental				0,124
Positiva	11 (50,0)	4 (36,4)	7 (63,6)	
Negativa	8 (36,4)	5 (62,5)	3 (37,5)	
Indiferente	3 (13,6)	3 (100,0)	0 (0,0)	
Assédio Moral				0,016
Não	34 (68,0)	11 (32,4)	23 (67,6)	
Sim	16 (32,0)	11 (68,8)	5 (31,3)	
Assédio Sexual				0,686
Não	42 (84.0)	19 (45,2)	23 (54,8)	
Sim	8 (16,0)	3 (37,5)	5 (62,5)	
Total	50 (100,0)	22 (44,0)	28 (56,0)	-

Ademais, percebe-se um número bastante elevado de mulheres que tem/tiveram algum tipo de dificuldade de integração no curso de Engenharia Elétrica estudado, totalizando 54% das respondentes. Em contraponto, quando perguntadas de forma direta se encontram/encontraram dificuldade em se integrar apenas 22% das mulheres responderam que sim.

Além disso, conforme a figura 1, pode-se notar pouca associação entre a dificuldade de se integrar no curso e a percepção da discriminação de gênero. Nesse sentido, das alunas que responderam que em algum momento já sentiram-se discriminadas neste contexto, 22,7% não se sente confortável em sala de aula, 66% se sente mais à vontade quando é uma professora a ministrante da aula e 27,3% das alunas responderam que não se sente aceita no curso. Dentre as varáveis analisadas, apenas não sentir-se aceita no curso teve associação com a percepção de discriminação.

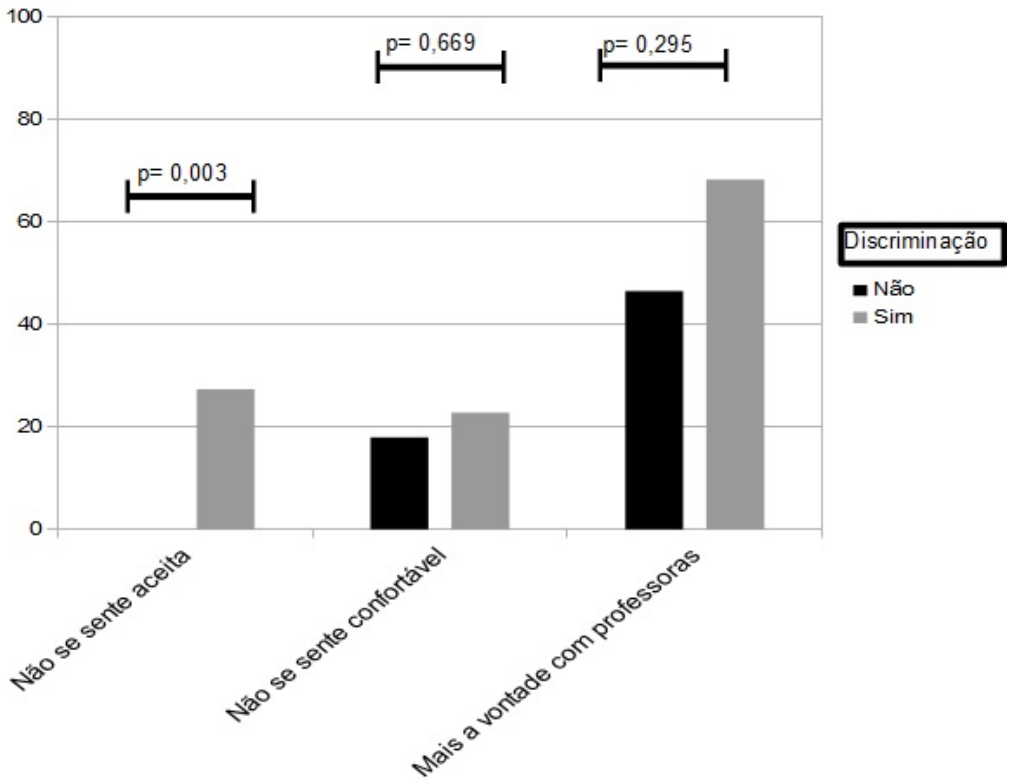

Figura 1: Associação entre a percepção de discriminação e a dificuldade de integração

Conforme ilustrado no gráfico 2, existe associação entre a percepção de discriminação e ser excluída no momento da realização de algum trabalho e a necessidade de fazer maior esforço que os colegas homens para ser reconhecida como competente. Mas não há associação entre a crença de já ter perdido algum estágio em virtude de ser mulher.

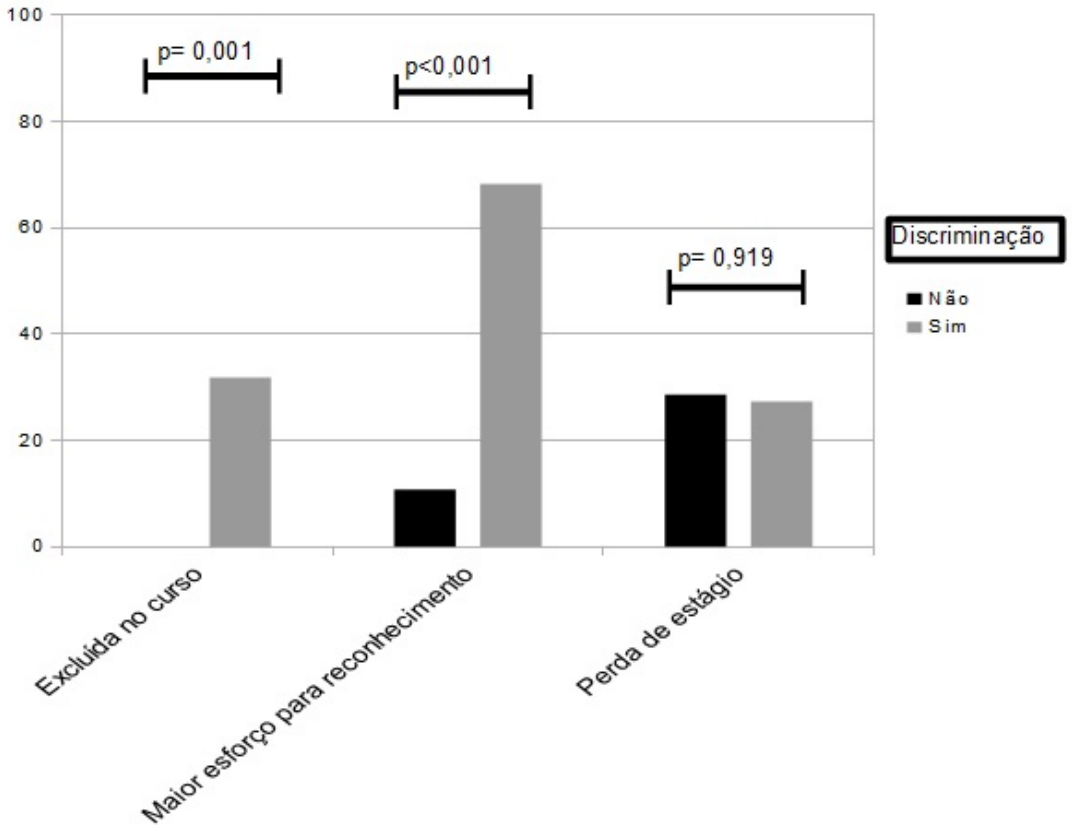

Figura 2: Associação entre a percepção de discriminação e consequências na vida acadêmica

Assim, quando questionadas de forma direta 44% das mulheres já sentiram-se discriminada dentro do curso, entretanto, a partir da análise de questões que envolvem a percepção de discriminação o número aumenta para 62%. Portanto, mais da metade das mulheres de alguma forma já sentiram-se discriminadas.

4. DISCUSSÃO

A partir dos resultados descritos anteriormente e respondendo ao objetivo da presente pesquisa, a maioria das alunas que participaram do estudo percebem e sentem-se discriminadas dentro do contexto da Engenharia Elétrica. Essa prática traz em suas raízes a ação de distinguir ou separar; e se caracteriza por um comportamento em que há manifestação de padrões preferenciais em relação aos membros do próprio grupo e/ou rejeição de membros de outros grupos, gerando desigualdades e injustiças (BANDEIRA, 2002; BELO, CAMINO, 2012; GOTO, COUTO e BASTOS, 2013; MORENO, 2009). E quando as vítimas são mulheres trata-se de discriminação de gênero, a qual por vezes nem é percebida em função de sua sutileza e naturalização na cultura (FORMIGA, 2004). Neste sentido, foi possível constatar que a existência de questões reais da discriminação, ou seja, ações que não envolvem a percepção das alunas para existirem, como piadas machistas e já ter ouvido que não é capaz, estão associadas a percepção de discriminação e questões que envolvem a subjetividade de cada uma também.

Em contrapartida, Saboya (2009) evidencia em seu estudo que as alunas negam serem alvos de discriminação por parte de professores e colegas. Elas naturalizam comportamentos discriminatórios como piadas, brincadeiras, exclusão de grupos de trabalho. Entretanto, os resultados da presente pesquisa se contrapões ao que Saboya (2009) apresenta, já que estes aspectos que ela traz como naturalizados são percebidos pelas graduandas e estão associados com a percepção delas sobre a discriminação de gênero vivenciada. Mas elas apresentam as mesmas estratégias de enfrentamento apontadas pela autora como: maior dedicação, maior pró-atividade e ignorar a fala e/ou atitude de alguns colegas e professores.

Assim, identificou-se associação entre a percepção de discriminação e ter sido deixada de lado no momento de realizar algum trabalho (excluída no curso), sentir que precisa fazer mais esforço do que os colegas homens para ser reconhecida como capaz, não sentir-se aceita no curso e já ter sido vítima de assédio moral.

De acordo com Lombardi (2004) as mulheres na área da engenharia, muitas vezes, são vítimas de assédio moral e no presente estudo, tal prática está associada com a percepção de discriminação de gênero. Segundo Lima (2013) os sucessos das mulheres neste campo não são reconhecidos pela sua competência, mas sim em virtude de seus atributos físicos. E para ratificar tal conclusão, no nosso estudo, 44% das mulheres

responderam já ter ouvido que só conseguem as coisas por causa de sua aparência . Assim, tais comentários parecem tentar deslegitimar as conquistas das mulheres, a fim de desvalorizar a sua competência e diminuir a possibilidade de destaque e empoderamento dentro do campo de atuação (LIMA, 2013; LOMBARDI, 2004).

Além disso, Olinto (2009) e Saraiva (2008) pontuam em seus estudo que as mulheres precisam fazer mais esforço para serem reconhecidas como competentes quando comparadas aos homens que estão no mesmo nível que elas. Concordando com isso, das alunas que percebem a discriminação de gênero no curso de Engenharia Elétrica estudado, a grande maioria respondeu sentir necessidade fazer maior esforço que seus colegas homens para serem reconhecidas como competentes.

Uma das consequências que não está associada com a percepção de discriminação é a perda de estágio em virtude de ser mulher. Apesar de as alunas da Engenharia Elétrica responderem que acreditam já terem perdido algum estágio pelo fato de ser mulher, elas não relacionam este acontecimento como prática discriminatória. Entretanto, de acordo com Casagrande (2017) quando estágios são negados a alunas em virtude do sexo, as oportunidades de crescimento acadêmico não são propiciadas de forma igualitária a todos os estudantes, refletindo em dificuldade de crescimento acadêmico para elas, já que o estágio proporciona uma prática na área que se pretende trabalhar.

A partir disso, conforme Olinto (2009) existem dois tipos de mecanismos que atuam como barreiras para o desenvolvimento da mulher no campo profissional e/ou acadêmico, a segregação horizontal e vertical. A primeira se refere a escolhas profissionais que são atravessadas pela cultura e são separadas para cada gênero, onde há a permanência de estereótipos que balizam o que é mais adequado para quem. Já a segmentação vertical atua de forma mais sutil, o que faz com que as mulheres, principalmente em carreiras historicamente masculinas, encontrem dificuldades em seu crescimento acadêmico e/ou profissional, caracterizando o Teto de Vidro (SHIEBINGER, 2001) e o Labirinto de cristal (LIMA, 2013).

Assim, pode-se perceber na presente pesquisa uma prevalência importante de comportamentos que limitam a ascensão e desenvolvimento das mulheres no curso da Engenharia Elétrica, tendo em vista que muitas vezes estão apoiados em componentes culturais e naturalizados, passando, muitas vezes, despercebida no cotidiano das mulheres. Neste sentido, pode-se pensar as limitações do estudo, que algumas mulheres não quiseram participar dele em virtude de estarem em meio aos homens e se

posicionarem "contra" a figura de poder estabelecida no curso, ou por não considerar relevante tal tema de discussão. Além de se deparar a questões de dificuldade inerente a todos que é a dificuldade de tempo em períodos de provas.

Ademais, a pouca literatura quantitativa com relação a autopercepção de discriminação de gênero, a presença de mulheres em cursos majoritariamente masculinos e a inexistência de escalas validadas sobre a autopercepção de discriminação apresentam-se como limitações da presente pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir exposto até aqui foi possível refletir sobre práticas que estão naturalizadas no “ser homem” e que diminuem e dificultam o “ser mulher” dentro de um contexto masculino. A percepção de assédio sexual, de perda de estágio, de dificuldade de integração não estiveram associadas com a percepção de discriminação de gênero. Entretanto, questões reais e práticas sim, como o tempo de curso, existência de piadas machistas e já ter ouvido que é incapaz de estar naquele curso.

Neste sentido, vale destacar a dificuldade encontrada pelas mulheres para a conclusão deste curso, que vão além das dificuldades “comuns” nas engenharias. Elas precisam desviar continuamente de obstáculos “invisíveis” para conseguirem ser notadas como os seus colegas homens, sendo constantemente ameaçadas por novas barreiras do labirinto de cristal.

Portanto, a partir de um pequeno recorte buscou-se quantificar a existência da percepção das mulheres no que se refere a discriminação de gênero e comparar tais dados com pesquisas qualitativas. Concordando com alguns dados e refutando outros já que a experiência isolada de uma pessoa pode se diferenciar da experiência do grupo, no caso das mulheres.

Desta forma a presente pesquisa levantou dados que, inclusive, possam servir de embasamento para novas pesquisas e para futuras intervenções a serem realizadas junto as estudantes e ao curso, como por exemplo: discussão sobre machismos, rodas de conversa sobre empoderamento feminino e o lugar da mulher em espaços ocupados majoritariamente por homens.

Referências

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas** [da] Universidade Federal de Santa Catarina, v. 10 n. 1, p. 119-141, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100007> Acesso em: 23 out. 2016

BELO, Raquel Pereira; CAMINO, Leoncio. Trabalho e gênero: elaborações discursivas sobre os papéis profissionais. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho** [da] Universidade de São Paulo, v. 15, n. 2, p. 271-286, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/61623/64520> Acesso em: 02 out. 2016

BELTRAO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Caderno de Pesquisa.**[online]. 2009, vol.39, n.136, pp.125-156. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100- 15742009000100007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 jun. 2017

BITENCOURT, Silvana Maria. **Existe um outro lado do rio?** Um diálogo entre a cultura da Engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89059> Acesso em: 05 out. 2016

CABRAL, Carla Giovana Cabral; BAZZO, Walter Antonio. As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: histórias, educação e futuro. **Revista de Ensino de Engenharia** [da] Associação Brasileira de Educação de Engenharia, v. 24, n. 1, p. 3- 9, 2005. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/revista/index.php/abenge/article/view/19/1> Acesso em: 03 out. 2016

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Angela Maria Freire de Lima e. Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas. **Caderno de Pesquisa**. v.47, n.163, pp.168-200, 2017,. ISSN 0100- 1574. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.phpid=S010057420170001001 68&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 22 jul 2017

Conselho Federal de Engenharia e Agronomia. Profissionais quantidade por gênero. Disponível em: <http://ws.confea.org.br:8080/EstatisticaSic/ModEstatistica/Pesquisa.jsp?vw=Sexo> Acesso em: 02 dez. 2016

CRUZ, Maria Helena Santana. Reflexões sobre gênero, direito e cidadania: relações com o trabalho. Revista Ciência e Trópico. v.32, n.1, p. 89-111, jan/jun., 2008. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/805> Acesso em: 22 jul. 2017

DUARTE, Constancia Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Estudos Avançados, vol.17, n.49, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010> Acesso em: 20 out. 2016

FORMIGA, Nilton S.; ARAÚJO, Thaís T. V.; CAVALCANTE, Carmen P. S. A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. **Estudos e Pesquisa em Psicologia,** v.7, n.1, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.e- publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10948/8662> Acesso em 15 nov. 2016.

GOTO, Janaina Brugnera Goto; COUTO, Paulo Francisco Mastella; BASTOS, João Luiz. Revisão sistemática dos estudos epidemiológicos sobre discriminação interpessoal e saúde mental. **Caderno Saúde Pública**, v. 29, n 3, p. 445-459, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php? pid=S0102- 311X2013000300004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 13 out. 2016

HUFF, Michelle Santos Huff; KOPPE, Leonardo Renner. O espaço das mulheres na área da Engenharia

Mecânica: um Estudo de Caso referente às questões de gênero no Instituto Federal Sul-rio-grandense – campus Sapucaia do Sul. **Revista Liberato:** educação ciência e tecnologia, v. 17, n. 27, p. 7-18, Novo Hamburgo, 2016.
Disponível em: <http://revista.liberato.com.br/ojs- 2/index.php/revista/article/view/389/246> Acesso em: 25 out. 2016

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da educação superior 2013: resumo técnico. – Brasília, 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017

LIMA, Betina Stefanello. Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências. 2008. 133f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientista na Física. Revista estudos feministas. v. 21 n. 3, Florianópolis, 2013

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência:** a engenharia como profissão feminina. 2004 L838p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000348602> Acesso em: 05 out. 2016

MORENO, Jamile Coelho. Conceito de minorias e discriminação. **Revista Direito e Humanidade** [da] Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 10, n. 17, 2009. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_direito/article/view/888> Acesso: 21 out. 2016

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Inclusão Social, Brasília**, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2009.
Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667> Acesso em: 12 jun.2017

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História** [online]. 2006, vol.26, n.52, pp.249-272. ISSN 0102-0188. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882006000200011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 jun. 2017

ROSEMBERG, Fulvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Femeministas** [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.515-540. ISSN 0104- 026X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104- 026X2001000200011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 15 maio 2017

SABOYA, Maria Clara Lopes. As alunas da engenharia elétrica e ciência da computação: estudar, inventar, resistir. Tese (Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, n. 12, novembro de 2013.
Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509155548.pdf> Acesso em: 20 jul. 2017

SARAIVA, Carla. Produzindo Engenheiras. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 27, n. 1, p. 48-56, 2008 – ISSN 0101-5001. Disponível em: <https://www.google.com.br/urla=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi6gMKL 2OHVAhXLh5AKHf3pAn4QFggnMAA&url=http3A2%2F198.136.59.239%2F~abengeorg%2Frevista%2Findex.php%2Fabenge%2Farticle%2Fdownload %2F60%2F42&usg=AFQjCNFgQFX5rzx3KgWCCq6uoLRqpRpDjw> Acesso em: 20 jul 2017

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru,SP:EDUSC ,2001